

## Introdução

No campo avançado dos pracinhas na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial, Francis Charlton Hallawell (1912/2004) ficou conhecido pelo público como Chico da BBC. O correspondente escreveu e transmitiu uma série de despachos jornalísticos, crônicas e programas radiofônicos para os brasileiros que queriam saber notícias do *front* na Europa. Único profissional de rádio, Hallawell tinha a obrigação de produzir material diariamente. Tanto podia usar o serviço de telegrama quanto gravar o material em discos rudimentares, enviados depois para Londres, sede da emissora. Na Broadcasting House, os *speakers* da BBC liam os despachos. Outros funcionários transcreviam o material dos discos de vidro para o acetato, irradiando os programas originais para o Brasil, em ondas curtas.

A partir de 1943, um ano antes de Hallawell ir para a guerra, mais de uma centena de pequenas emissoras brasileiras reproduziam os programas que fazia na BBC. Alguns desses programas foram analisados neste trabalho. Ao serem gravadas pela pequena equipe (Chico da BBC e o técnico Douglas Farley), nem todas as crônicas tiveram a autoria identificada, pelo menos aquelas a que tive acesso. Mas sabe-se que o correspondente usou também as crônicas dos jornalistas Sylvio da Fonseca, da Agência Nacional, Egydio Squeff, do jornal *O Globo*, Joel Silveira, dos Diários Associados, Rubem Braga, do *Diário Carioca*, cabo José Borba, Raul Brandão, conhecido como Veterano, do *Correio da Manhã*, que fizeram parte da atração intitulada “Reportagem da Itália”. A única jornalista brasileira que passou pela Itália, Silvia de Bettencourt, a Majoy, que trabalhava para a United Press, também fez colaborações para a BBC. Nenhum profissional recebeu pagamento pelas crônicas.

Encontrei os textos originais, com exceção os de Majoy, no livro *Scatolettas da Itália*, compilado por Francis Hallawell, em 1946. Parte desse material ainda não havia sido profundamente trabalhado, segundo Lalo Leal Filho, sociólogo, jornalista e professor de jornalismo da ECA-USP, autor do livro *Vozes da BBC*, citado na bibliografia. Lalo Leal afirmou que Francis Hallawell era a única voz em português a transmitir notícias da Itália. “Foi um fenômeno único”, disse o professor. Daí o ineditismo deste trabalho.

O crítico Antonio Candido, no artigo *A vida ao rés do chão*, ensinou que a crônica “em sua despreensão, humaniza, sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas”. No livro *Literatura e sociedade*, Candido fala das crônicas como “retalhos de vida”, “próximos à reportagem jornalística e radiofônica”. Em 1940, em plena guerra, o número de analfabetos no Brasil chegava a 57%. Apesar de alto, o índice de leitura havia aumentado desde 1920, quando 75% da população não sabia ler<sup>1</sup>. O rádio, novo meio de comunicação, iria permitir aos analfabetos o acesso à informação.

Passei a me interessar por este tema durante as minhas aulas de História do Rádio e da TV no Brasil, no curso de Comunicação Social da PUC-Rio. Durante 15 anos (1995-2010), ministrei o curso que, a cada ano, foi ganhando novas pesquisas e material de ensino. Quando ouvia os trechos originais dos programas irradiados por Chico da BBC, tentava imaginar como era o ambiente de guerra, os bastidores e a vida dos soldados da FEB na Itália. Pensava nas dificuldades que os profissionais tinham para produzir e transmitir as atrações e os despachos numa época em que não existiam ainda transistores, antenas parabólicas e satélites.

Quando me candidatei ao Mestrado de História Social da Cultura, sabia que queria estudar a Segunda Guerra e o rádio no Brasil. Não conseguia encontrar um tema original até que, por sorte, lembrei-me de um amigo que tinha o sobrenome Hallawell e que eu não via desde 1972. Usei meu faro, golpe de vista, intuição, como descreveu Carlo Ginzburg em *Mitos, emblemas, sinais*, e deu certo. Localizei Philip na cidade de Itu, em São Paulo. Descobri que ele era sobrinho de Chico da BBC, e que o correspondente tinha morrido no dia 5 de julho de 2004, aos 91 anos. Philip não tinha certeza se a viúva do correspondente estava viva, mas me deu o telefone de seu primo Edgar Ferrez. Com ele, soube que a belga Julienne Maria Catherine Cardinaels (1922), que foi casada com Hallawell, morava em Corrêas, no Estado do Rio de Janeiro.

Foi emocionante conversar com Julienne, que conserva o sotaque afrancesado, apesar de falar perfeitamente o português. Lúcida e ativa, dirige

---

<sup>1</sup> Antonio Candido, *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006, p. 144. Obra digitalizada: [http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/Antonio\\_Candido\\_-\\_Literatura\\_e\\_Sociedade.pdf](http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/Antonio_Candido_-_Literatura_e_Sociedade.pdf)

pelas ruas de Corrêas, faz ginástica todos os dias e joga *bridge* com as amigas. Julienne teve três encontros comigo: em outubro de 2011, em fevereiro e junho de 2012, quando comemorou 90 anos. Em muitas conversas telefônicas, ela respondeu às minhas perguntas, embora, algumas vezes, tenha confundido datas e evitado certos assuntos. É o que acontece quando se põe em prática a história oral. Julienne me mostrou álbuns de fotografias da família e da guerra e o diploma da *Order of the British Empire* (OBE) recebido por Francis em 1963. Julienne me deu dois discos de acetato que estavam no escritório de Chico da BBC. Tive certa dificuldade em passar os acetatos para CD, já que atualmente é complicado conseguir toca-discos de 78 rotações. Depois da transcrição, constatei que um dos discos era sobre o Natal de 1942, no campo italiano, e o outro uma vinheta da BBC. Ganhei também um exemplar do livro “Scatolettas da Itália”, hoje raro, publicado pela BBC em 1946. Meses depois, consegui comprar outros programas de Chico da BBC na Collector’s, empresa que comercializa antigos programas de rádios brasileiros.

Dividi este trabalho em três partes: “Antes da declaração de guerra do Brasil aos países do Eixo”; “O Brasil rompe relações e declara guerra” e “O Brasil na guerra”. No primeiro capítulo, descrevi a guerra radiofônica que surgiu a partir de 1936, com a inauguração das transmissões da Rádio Berlim, em ondas curtas, para o Brasil. Os italianos também mantinham uma programação em ondas curtas através do *Ente Italiano per Le Audizione Radiofoniche* (EIAR). Ao descobrirem que não existia mensagem inglesa no país, e para tentar defender suas posições, especialistas do Empire Service da BBC resolveram investir nas transmissões internacionais. Em 1938 é inaugurado o serviço em árabe, português e espanhol, diretamente de Londres para a América Latina. No começo da guerra, Francis Hallawell se ofereceu para lutar na Inglaterra com outros jovens da colônia inglesa no Brasil. Em Londres, é encaminhado para a BBC, onde começa a trabalhar em 1941. Uma equipe de jornalistas brasileiros foi reunida para criar um serviço feito especialmente para o Brasil, entre eles, Antonio Callado, Geraldo Cavalcanti, Lya Cavalcanti, Manuel Braune, Simone Ruffier.

Os americanos também começaram a se preocupar com as ondas sonoras dentro da Política da Boa Vizinhança, proposta pelo empresário Nelson

Rockefeller. Primeiramente, investiram no noticiário “Repórter Esso”, a partir de 1941. Depois vieram as transmissões da “Voz da América”, a partir dos Estados Unidos, e os programas da NBC e da CBS, produzidos nos EUA e incluídos na “Hora do Brasil”.

Nessa época, o Estado Novo atuava fortemente na imprensa escrita e radiofônica. A censura e as limitações geravam muitos dilemas para os donos dos jornais e das emissoras de rádio. Os empresários, jornalistas e radialistas precisavam aceitar a censura se quisessem as benesses do governo, como cotas de papel e liberação de programas. Quando era possível, editores e programadores tentavam, com inteligência, driblar os censores. Nos anos 1940, época de ouro do rádio no Brasil, foram lançados produtos para a massa. Os anúncios comerciais, alguns estimulados pela Política da Boa Vizinhança, possibilitaram o surgimento de muitos programas novos nas rádios brasileiras, como as novelas e os seriados. Ainda nesse capítulo, descrevi o lançamento do rádio no Brasil, em 1922, as emissoras pioneiras, os primeiros astros e programadores.

No segundo capítulo, mostrei a divisão que existia dentro do governo brasileiro: parte dos ministros apoiava abertamente a Alemanha e o nazismo; parte se identificava com os aliados. Havia a estratégia de Lourival Fontes, no Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), e de Gustavo Capanema, no Ministério da Educação. O povo brasileiro também estava dividido. Imigrantes, que já sabiam como o nazismo funcionava, temeram a possível aliança com Hitler. Foi o caso do famoso escritor Stefan Zweig, que cometeu suicídio em Petrópolis ao saber que navios brasileiros estavam sendo torpedados pelos alemães e que a guerra era iminente.

O Brasil rompeu relações com os países do Eixo em 1942, mas a vida cotidiana não parecia ter sido muito afetada nessa primeira fase. Além dos *blackouts* e do racionamento de alimentos, produtos e serviços básicos, o jogo nos cassinos manteve-se intenso. Nas rádios, a programação ia de aulas de ginástica a palestras trabalhistas, programas de calouro e horários de ficção juvenil. Francis Hallawell enviou de Londres “As aventuras de Fred Perkins”. A atração misturava jornalistas desconfiados em busca da verdade e os bastidores do nazismo. Nessa mesma época, Hallawell conheceu a jovem belga Julienne, que havia fugido dos

alemães e que também trabalhava na BBC. Eles se casaram durante a guerra. Apesar dos ataques alemães, bombas e sirenes ameaçadores, dos *blackouts* e dos racionamentos, os ingleses tentavam viver com certa normalidade, enfrentando as dificuldades com fidalguia. Os brasileiros da BBC aprenderam a se comportar como os londrinos.

Em Natal e Recife, os americanos estavam chegando para construir a Base Aérea. Dessas duas cidades era possível chegar à África do Norte sem precisar reabastecer os aviões. Em troca, os EUA emprestariam a verba para a construção de Volta Redonda, ajudariam na criação da FEB e forneceriam armas inexistentes no Brasil. A vida nas duas cidades nordestinas mudou com a presença estrangeira, e o rádio refletiu essa proximidade passando a transmitir músicas americanas tocadas por grandes orquestras.

Os despachos e as crônicas de Francis Hallawell em nada se pareciam com os discursos de Thomas Mann. Contratado pela BBC, Mann transmitia dos Estados Unidos para o povo alemão. Para o escritor, seus conterrâneos precisavam entender o que dizia a propaganda nazista. De 1940 a 1945, Mann escreveu 58 discursos, que foram reunidos num livro publicado em 1942, pela Editora H.Wolff, com o título *Ouvintes alemães!* Em todos os países ocupados, era terminantemente proibido ouvir a BBC. Mas a própria Gestapo, a polícia alemã, informou que de dez a 15 milhões de alemães ouviam a BBC no outono de 1944. Incluindo Hitler.

No terceiro capítulo, descrevi o crescimento da Rádio Nacional, que passou a transmitir para vários continentes. O principal noticiário era o “Repórter Esso”, que se tornou exemplo de jornalismo profissional, logo imitado por outras emissoras. O foco das notícias era a guerra, com material da agência americana United Press. O desembarque dos pracinhas na Itália mereceu destaque na imprensa internacional. Correspondentes de rádios inglesas e americanas descreveram, em português, o momento em que os brasileiros chegaram à Europa para reforçar as tropas aliadas.

Foi grande a luta para o envio de correspondentes brasileiros ao teatro da guerra. No primeiro escalão, seguiram apenas os profissionais ligados à Agência

Nacional. Pressionados pelos proprietários de grandes jornais, o Estado Novo finalmente permitiu a ida de jornalistas, escolhidos a dedo. Eles embarcaram em diferentes escalões, e, na Itália, sofreram a ação de três diferentes tipos de censura: a da própria guerra, a do Exército brasileiro e a do DIP. Francis Hallawell se tornou correspondente de guerra pela BBC em 1944.

Os discos de vidro gravados por Chico da BBC chegavam com muita dificuldade a Londres, passando por Roma ou por outras cidades italianas. Mas, antes, o trabalho de Chico da BBC também era submetido à censura do 5º Exército americano, obrigação exigida a outros jornalistas. Com tantos empecilhos, Chico da BBC se especializou em amenidades e no dia a dia dos soldados nos acampamentos. Mostrando o pracinha como um homem comum, ele tanto podia falar sobre a comida como sobre a correspondência. Com texto leve e bem-humorado, o jornalista tentou levar uma mensagem humanizada para quem ouvia a sua voz no Brasil. Trechos desses programas são reproduzidos neste capítulo.

O intercâmbio de material jornalístico era intenso na Itália. Jornais oficiais ou alternativos passavam de mão em mão entre os soldados. Poucos tinham acesso ao rádio, mas havia os que não só escutam as estações brasileiras, portuguesas e inglesas, mas também criavam seus próprios programas de aventura ou musicais, para passar o tempo.

Nem sempre o retrato mais cruel da guerra aparecia nos textos dos correspondentes. A partir de 1945, Rubem Braga e Joel Silveira começaram a fazer algumas críticas à ditadura do Estado Novo, apesar da proibição do general Mascarenhas de Moraes. Mas a situação no Brasil estava mudando, a guerra chegava ao fim. Em nenhum programa enviado ou despacho escrito por Chico da BBC esse olhar mais analítico ficou claro. Se, por acaso, ele fez restrições à política, foi de maneira anônima, dentro do noticiário. A emissora perdeu o acervo de *scripts* feitos durante a guerra, impossibilitando uma pesquisa mais apurada.

Para construir esses três capítulos, além de extensa bibliografia, teses de doutorado e dissertações de mestrado, contei com entrevistas feitas com testemunhas da época e de familiares de Chico da BBC. A viúva Julienne

Hallawell, os sobrinhos Edgar Ferrez, Eric Ferrez, Philip Hallawell e Jean Quick Snyder, as primas Rosalind Milne e Evelyn Nadel, a amiga Bibi Ferreira (1922), o piloto Rui Moreira Lima, o correspondente Thassilo Mikte, a dona de casa e ouvinte da BBC Silvia Cardim Garcia Braga (1927), o jornalista e escritor Alberto Dines (1932), todos eles deram depoimentos importantes. Durante algum tempo, a convivência de Francis Hallawell com primos e sobrinhos no Brasil foi próxima, depois ocorreram períodos de afastamento. Sobre a vida pessoal, consegui obter informações com a atriz Bibi Ferreira, considerada a “noiva” de Francis no Brasil, antes da guerra. Essa condição foi negada por ela, que preferiu o título de amiga. Fui montando o perfil de Chico da BBC com vários fragmentos obtidos nessas entrevistas. No momento em que decidi fazer a dissertação, encontrei os familiares dispersos em diferentes cidades e países. Em comum, eles tinham uma doce memória de Francis Hallawell.

Não encontrei praticamente nada escrito sobre Hallawell, apenas frases dispersas. No prefácio de “Scatolettas da Itália”, o diretor-geral da BBC na época da guerra, *sir* William J. Haley, se referiu ao trabalho importante dos correspondentes da BBC. As entrevistas com Thassilo Mitke (1923) e com o brigadeiro Rui Moreira Lima (1919) ampliaram o perfil de Chico da BBC, já que os dois se encontraram com ele na Itália, durante o conflito e foram entrevistados pelo correspondente da BBC. Rui, na época primeiro-tenente, curiosamente também foi aluno de inglês do professor Francis Hallawell na Escola da Aeronáutica, antes da guerra.

Partindo da ideia de que toda entrevista ocorre em um processo de *performance* física para o interlocutor, observei, quando pude, as expressões corporais, o peso das palavras, as repetições dos episódios e até o esquecimento de parte da história pessoal. As entrevistas foram feitas de várias maneiras: por telefone, *Skype*, *e-mail* e pessoalmente. Parte dos encontros foi gravado, mas alguns depoimentos foram espontâneos, sem possibilidade de gravação. Optei pela história oral porque, por meio de entrevistas, as pessoas poderiam dar um quadro mais próximo da realidade e mais verossímil da pessoa e do profissional de rádio. Sabia, desde o começo, que não há apenas uma história única, mas várias que entram em jogo em um relato. Como ensinou Eugenia Meyer, a opção pela

história oral tem como propósito “o resgate das verdades múltiplas, parciais e manipuladas, mas, apesar de tudo, genuínas”.<sup>2</sup>

O papel do historiador e também do jornalista – minha formação e atuação profissional durante 35 anos – é ouvir os protagonistas e tentar captar a verdade de cada fala. A escolha do tema e do biografado foi adequada, no meu entender, porque Francis Hallawell era uma pessoa única em seu universo, deixando um importante material para o estudo da história do rádio e a Segunda Guerra. Ele foi criativo e corajoso. Além disso, o papel do historiador é relacionar dados, sem procurar respostas fáceis obtidas nos depoimentos orais. Atualmente, não há dúvidas sobre o crescimento e a valorização da história oral na construção de biografias e relatos, no Brasil e no mundo.

A concepção sobre a ilusão biográfica de Pierre Bourdieu me esclareceu sobre os vários momentos e encruzilhadas pelas quais Francis Hallawell passou. Não acredito que ele tenha nascido para ser correspondente de guerra ou jornalista. As situações arbitrárias e aleatórias estiveram muito presentes na vida dele e de Julienne. No Brasil, ele não voltou ao jornalismo, embora gostasse de escrever e fazer discursos.

Na conclusão do trabalho, ao analisar os programas radiofônicos de Chico da BBC, percebi os limites impostos aos jornalistas. Não havia críticas ou subtextos, e sim uma grande vontade de tornar as crônicas leves e bem-humoradas. Mesmo assim, a dura realidade, a dificuldade imposta pela neve e pelos bombardeios, o olhar irônico direcionado ao inimigo também estavam presentes. Chico entrou em sintonia com os outros jornalistas. Na última entrevista que fiz para este trabalho, Thassilo Mitke disse que havia uma grande diferença entre os jornalistas que chegavam ao campo como UFOs (objetos voadores não-identificados), como Dunshee de Abranches, do *Jornal do Brasil* (usando luvas e cachecol), e a Majoy, da UP, e os outros profissionais “pé de poeira”, “cancheiras”, que sofriam como os soldados. Chico e Mitke fizeram parte deste segundo grupo.

---

<sup>2</sup> Eugenia Meyer, “O fim da história”, in *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 22. Nº 43, janeiro-junho de 2009, p. 34.



Para todos os profissionais, o que mais pesou foi o fato de terem que submeter seus textos aos três filtros e de terem que se limitar às histórias do dia a dia e às amenidades vividas por homens comuns. Mesmo assim, os correspondentes puderam oferecer aos ouvintes brasileiros momentos singelos e belos que vinham, pelas ondas do rádio, do outro lado do oceano.